

## Herdeira do passageiro

Faz hoje um ano. Passou rápido, como as nuvens na Praia de Amorosa. Como quando se pede um desejo que está contigo há muito tempo.

Faz hoje um ano, mas ninguém no escritório vai dar conta. Nem o carteiro, nem os gatos da vizinha. Nem sequer o Rui, que diz sempre *bom dia* e pede esmola nas escadas onde os turistas tiram-se fotografias.

Dizem que vai ser um inverno frio. Os meus pés são já cubinhos de gelo. “Devem de estar a praticar”, tento convencer-me. A névoa está guerreira, não solta as janelas das carruagens. Uma aragem fresca como douradas na peixaria passa por elas e eu encolho-me. Mergulho no cachecol cor de cereja que a minha avó me ofereceu antes de me mudar para o Porto. “Os invernos lá são pálidos e saudosos, menina”.

A minha avó é bordadeira e costuma dizer que tem a inteligência sem estrear. Os campos na periferia da cidade lembram-me dela, que fala sempre das paisagens da sua infância: a foice oxidada do seu pai, as galinhas a quem contava histórias, as oliveiras que perderam ao deixarem a aldeia... Eu venho do sotaque que ela perdeu quando foi para a capital. Herdeira de uma ausência.

A névoa espreguiça-se e eu não me encontro. O cartaz da estação diz *ERMESINDE*, mas não sei onde é que estou. “Avó, vai ser temporário, não vai?”, perguntei-lhe assim que assinei o contrato. “E o que é que não é temporário, menina?”.

Dou voltas sobre a ideia do passageiro, os começos, as geografias, a velocidade, as vidas cruzadas nesta carruagem. Penso no rapaz de fémur comprido que acaba de entrar com olhos de despedida. É isso também um começo? Aquela mãe canguru que abriga a sua prole ainda cheia de remelas, ou as duas irmãs que falam, uma de sonhos, a outra de objetivos, onde é que estão? Para onde vai o seu tempo?

Há algumas paragens atrás, a outra grande parte da minha atenção ficou capturada pela mulher com brincos de pérolas que está a ler Dostoievski. Vai com o seu cão que, com certeza, sonha. Às vezes fala com ele, às vezes sozinha.

Talvez seja de Amarante e ponha anúncios no jornal para procurar correspondência com um potencial marido. Talvez ainda guarde a boneca Fernanda com quem nunca brincou. Talvez seja também o seu ano de partida. Ou o número 100.

Os meus pés continuam abaixo de zero. Apanho a mochila e despeço-me do comboio por algumas horas. A primeira vez que pisei esta estação levava o mesmo cachecol, nervos demais e, nos bolsos do casaco, umas conchinhas que apanhei com a minha mãe à beira-mar. “Guarda um bocado de verão para quando não houver”, disse-me.

Saí para me abraçar à névoa despistada que pairava nas ruas de Braga. O telemóvel começou a tocar.

- Parabéns, menina - diz uma voz de fios de cor de cereja.
- Parabéns porquê, avó?
- Faz hoje um ano da tua mudança de rumo. Há muitos corações aqui desenhados, a 21 de novembro.

Lembro-me então do calendário da sua cozinha, ao lado da botija de gás e da pagela de Santo António. Nele anota diversos aniversários que, entre sobremesa e sobremesa, nós netos decoramos. Todos os meses de dezembro, o merceeiro do bairro oferece-lhe um. Colocámo-lo juntas e eu guardo o do ano anterior. Herdeira de um tempo murcho.

- Obrigadinha, avó. Vou entrar agora no escritório. Falamos mais tarde sem relógios perto. Quero-te muito.

Ela não o sabe, mas todas as manhãs, assim que entro no átrio principal da estação, olho para cima à direita, para as pessoas no campo a verem o comboio passar. “Passa rápido”, pensam, “como as nuvens na Praia de Amorosa”.

Olho, em especial, para a mulher sobre o burro e desejo-lhe nunca ter que deixar as galinhas, as azeitonas, o seu sotaque.

Gosto de pensar que as recordações daquelas pessoas ali azulejadas são, de alguma maneira, perenes. Como se ficassem na outra margem do tempo.

Esse tempo que corre e corre. Esse tempo que lança sementes que alguém vai plantar, regar e partilhar. Esse tempo enredado nas cordas de uma guitarra que quer ser, como nós, passageiro.

Abro a agenda e conto pelos dedos os dias para voltar a casa. Os dias para guardar o calendário e abraçar a minha avó. Herdeira de uma inteligência sem estrear.